

Entre o tempo e o contraste: um estudo da microconstrução conectora [enquanto(que)] *connect*

Between Time and Contrast: A Study of the Connecting Microconstruction

[enquanto(que)] connect

Geideane Rodrigues Teixeira^{1*}
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil

Amanda Heideirch Marchon²
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil

Resumo: A partir de uma perspectiva construcionista da gramática (Bybee, 2016; Pinheiro, 2025; Traugott; Trousdale, 2021; Traugott, 2022), na qual o conhecimento linguístico é representado como uma rede de construções – pareamentos de forma e função –, este artigo descreve aspectos formais e funcionais das construções contrastivas introduzidas pela microconstrução conectora enquanto(que). Para tanto, foi realizada análise qualitativa de 50 constructos cotejados do site Corpus do Português – Aba NOW, selecionando-se os casos em que essa microconstrução introduz construções oracionais de valor contrastivo, as quais foram examinadas com base em parâmetros relativos à estrutura e à função. Os resultados revelam que tais construções tendem a: (i) instanciar o contraste por oposição semântica; (ii) apresentar sujeitos não correferenciais em relação à construção nuclear; (iii) ter os núcleos verbais nos mesmos tempo, modo e aspecto em que se encontra a construção nuclear, apresentando, em geral, aspecto não-progressivo; (iv) demonstrar alto grau de esvaziamento da noção de simultaneidade temporal; e (v) veicular forte valor argumentativo nos discursos em que se inserem.

Palavras-chave: Contraste. Construções conectoras. Enquanto(que). Gramática de Construções Baseada no Uso. Polissemia.

Abstract: From a constructionist perspective on grammar (Bybee, 2016; Pinheiro, 2025; Traugott & Trousdale, 2021; Traugott, 2022), in which linguistic knowledge is represented as a network of constructions—form-function pairings—this article describes formal and functional aspects of the contrastive constructions introduced by the connecting microconstruction enquanto(que). To this end, a qualitative analysis was carried out on 50 constructs taken from the Corpus do Português – NOW tab, selecting cases in which this microconstruction introduces clausal constructions with contrastive value. These were examined based on parameters related to structure and function. The results reveal that such constructions tend to: (i) instantiate contrast through semantic opposition; (ii) present non-coreferential subjects in relation to the nuclear construction; (iii) have verbal heads in the same tense, mood, and aspect as the nuclear construction, generally

^{1*} Estudante de Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGEL, pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Campus Goiabeiras, Vitória/ES. E-mail: geideane.teixeira@edu.ufes.br.

² Professora da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Campus Goiabeiras, Vitória/ES. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: amanda.marchon@ufes.br.

showing a non-progressive aspect; (iv) demonstrate a high degree of weakening of the notion of temporal simultaneity; and (v) convey a strong argumentative value within the discourses in which they occur.

Keywords: Contrast. Connecting constructions. Enquanto(que). Usage-Based Construction Grammar. Polysemy.

INTRODUÇÃO

É ponto pacífico entre os estudos funcionalistas que a mudança constitui um processo intrínseco às línguas naturais. Também é postulado básico e central do funcionalismo, em especial, de base norte-americana, que as mudanças linguísticas ocorrem em direção à expressão de sentidos mais abstratos. É dessa derivação de itens de significação mais concreta em outros mais abstratos que emerge outro fenômeno linguístico presente em todas as línguas humanas: a polissemia. Conforme explica Silva (2006), o termo, cunhado por Bréal (1897), tem sua origem no grego e significa, em tradução literal, “vários significados”. Num conceito mais refinado dentro das teorias linguísticas, a polissemia é entendida como “a associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística” (Silva, 2006, p.10).

No que se refere a itens que exercem função conectora, obras como Kortmann (1997) demonstram como conectores originalmente temporais se desenvolvem para expressar noções cognitivamente mais complexas, como o domínio CCC (Causa, Condição e Concessão), conforme propõe o autor. Esses itens que se desenvolvem ao longo do tempo para instanciar novos sentidos na língua em uso tornam-se, sincronicamente, polissêmicos, uma vez que seus usos com sentido original não desaparecem, convivendo em variação com o significado inovador, a ele associado por uma relação de derivação diacrônica. Para exemplificar essa questão, destaca-se aqui a pesquisa de Mauri; Ramat (2012), com os conectores *tuttavia* e *mentre*, no italiano, com significados originais, respectivamente, de continuidade e de simultaneidade, convivendo, na atual sincronia, com significados contrastivos.

Os resultados da pesquisa tipológica de Kortmann (1997) e a pesquisa de Mauri; Ramat (2012) com dados da língua italiana, assim como diversas outras pesquisas em variadas línguas com elementos conectivos, confirmam a trajetória unidirecional de mudança proposta por autores funcionalistas que postularam acerca da gramaticalização³, representada no esquema, a seguir:

³ Gramaticalização se refere ao processo pelo qual itens mais gramaticais se desenvolvem a partir de categorias menos gramaticais (Kurylowicz, 1965 *apud* Rosário, 2022, p.67). Em abordagem construcional, no entanto, esse conceito passa a ser tratado em termos de *construcionalização gramatical*, definida como “a criação de (combinações de) signos forma nova-significado novo” (Traugott; Trousdale, 2021, p.58).

Esquema 1: Trajetória de mudança



Fonte: Baseado em Rosário (2022, p. 112) e em Traugott; Heine (1991).

Nessa representação, observa-se que o sentido temporal, menos abstrato, serve de base para o surgimento de itens de funções textuais, mais abstratas, ponto do *continuum* no qual se incluem as noções observadas em Kortmann (1997) e também o contraste, estudado na pesquisa mencionada com o italiano.

É também nessa rota de mudança que, de acordo com estudos diacrônicos encontrados, principalmente, em Longhin (2016a, 2016b) e Longhin; Ferrari (2023), está a microconstrução [enquanto(que)]*connect*. Originalmente empregada na língua para introduzir construções oracionais hipotáticas⁴ de valor temporal, passa, a partir do século XV, a figurar, também, em contextos em que inferências de contraste somam-se ao valor semântico de tempo (chamados contextos de dupla compatibilidade), para, então, a partir dos séculos XX-XXI, figurar em orações que somente permitem a leitura contrastiva (contextos de isolamento). Dessa trajetória diacrônica, portanto, resulta o atual quadro de polissemia no português brasileiro, com a microconstrução de origem temporal sendo encontrada em contextos de instanciação do valor de contraste.

Desse modo, o artigo que ora se apresenta, a partir dos resultados de pesquisa qualitativa finalizada em 2024, se propõe a descrever, a partir do referencial teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Rosário, 2022; Traugott; Trousdale, 2021; Traugott; 2022; Pinheiro, 2025), as construções oracionais contrastivas prefaciadas por [enquanto(que)]*connect*, buscando responder: quais propriedades caracterizam essas construções no português brasileiro em uso?. A fim de exemplificar o objeto de investigação, destaca-se um *constructo*⁵ da pesquisa:

(01) Tanto Chucky quanto Annabelle são brinquedos para crianças, mas ambos sofreram alterações sobrenaturais que lhe garantiram um visual mais sinistro.

⁴ Tradicionalmente chamadas subordinadas adverbiais, em perspectiva funcionalista, as orações hipotáticas são definidas pelos traços de menor encaixamento sintático e maior dependência semântica (Hopper; Traugott, 1993 *apud* Marchon, 2020). Também na tradição funcionalista, são chamadas *cláusulas*, mas, em termos construcionistas, serão tratadas como construções oracionais.

⁵ *Constructo* é a construção empiricamente atestada, a instanciação, no uso, de uma determinada construção, ou seja, o dado propriamente dito.

Sinceramente, **Chucky nunca foi realmente assustador** (muito menos no remake), só se aproximando de algo mais perturbador quando ganhou um grande corte na cara em A Noiva de Chucky, **enquanto Annabelle sempre foi sinistra** simplesmente pela expressão imutável. Ponto para Annabelle.

Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/indicacoes/annabelle-vs-chucky-quem-e-o-brinquedo-mais-assustador/> Acesso em: 18 mar. 2024.

No *constructo* (01), cotejado de um texto que compara os dois principais personagens de franquias de filme de terror com bonecos protagonistas, as expressões *Chucky nunca foi assustador* e *Annabelle sempre foi sinistra* opõem os dois brinquedos em relação à sua aparência na construção de um filme do gênero terror. Assim, por meio do par de antônimos *sempre* e *nunca* associados a itens lexicais que podem ser entendidos como sinônimos aproximados, se constrói uma relação de contraste entre as duas afirmações. É esse tipo de construção com *enquanto* que este trabalho busca descrever.

Para isso, esse artigo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, são apresentados os conceitos teóricos que ancoram a análise. Desse modo, no subitem 1.1. é sumariamente apresentado o modelo de representação do conhecimento linguístico da Gramática de Construções, mais especificamente, em sua versão aliada a princípios funcionalistas, denominada Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante, GCBU), abordando, em especial, os conceitos de construção, de *constructicon* e de *links* intra e interconstrucionais. Na seção 1.2. são apresentadas definições e subcategorias propostas na literatura para o domínio do contraste. Na seção 2, são abordados os procedimentos metodológicos adotados desde a seleção e a coleta dos *constructos* para a constituição do *corpus* para esta investigação até o estabelecimento dos parâmetros de análise determinados. Na seção 3, apresentam-se os resultados obtidos nessa análise, referentes aos critérios explicados na seção anterior, demonstrando a aplicação de cada um deles aos *constructos* coletados. Por fim, a seção 4 traz algumas considerações finais a partir desses resultados e perspectivas para pesquisas futuras.

1. AS BASES TEÓRICAS DESTE TRABALHO

Esta seção se dedica à apresentação dos conceitos teóricos que sustentam a análise proposta neste artigo, incluindo a abordagem teórica à qual o trabalho se filia, bem como a definição e a tipologia do conceito de contraste adotadas.

1.1. O MODELO TEÓRICO: A LÍNGUA COMO UMA REDE DE CONSTRUÇÕES

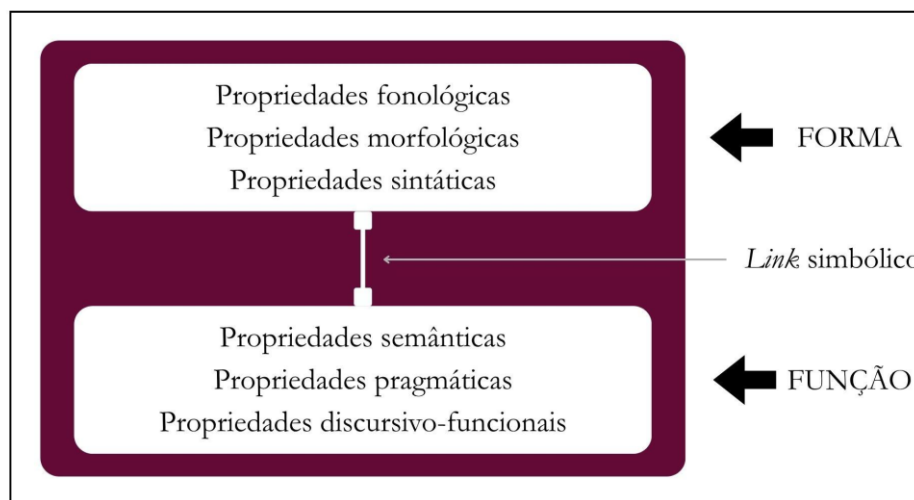
A Gramática de Construções é um modelo teórico de representação do conhecimento linguístico que entende esse conhecimento como organizado em forma de rede. Essa metáfora da rede pode ser observada, como destacam Traugott; Trousdale (2021), em trabalhos de diversos autores construcionistas, tais como Goldberg (2003) e Hudson (2007). Na definição de Goldberg (2003, p.219), “a totalidade do nosso conhecimento da linguagem é capturada por uma rede de construções”. O termo

“construções”, por sua vez, central a essa definição, também precisa ser explicado, já que é amplamente empregado nos estudos linguísticos, mas com significados distintos. De acordo com Goldberg (2013, p.2), o conceito se refere a “pareamentos convencionalizados de forma e função, em variados níveis de complexidade e de abstração”. Ou seja, uma construção é a associação convencionalizada por uma determinada comunidade linguística entre uma determinada forma e um significado por ela evocado. O trecho “em variados níveis de complexidade e abstração” implica que, respectivamente, desde elementos monomorfêmicos a frases completas, assim como desde palavras e expressões fechadas a esquemas mais abstratos, como classes de palavras ou padrões sintáticos, são capturados por essa definição. Assim, os teóricos da Gramática de Construções (GC) assumem que todo o conhecimento linguístico “é representado diretamente no nível das construções” (Hilpert, 2014, p.1), ou, ainda nas palavras do autor, “o conhecimento da linguagem consiste em uma grande rede de construções *e nada mais além disso*”. Essa concepção é postulado básico entre todos os autores e vertentes dessa corrente teórica.

A GCBU, teoria que ancora este artigo, se refere à vertente teórica que, além do modelo da GC, assume postulados do Funcionalismo Clássico Norte-americano. Assim, para essa perspectiva, tal rede construcional deve ser entendida como emergente e regulada por situações concretas de uso da língua.

No entanto, cabe, ainda, definir mais refinadamente o conceito de construção como unidade básica da língua. As construções são, portanto, associações simbólicas e convencionais entre forma e significado, ou, função. Forma deve ser entendida como o conjunto de propriedades fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas de uma unidade da língua. De outro lado, a função é entendida como a união de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, ou seja, se refere não somente ao significado estrito do item, mas também a informações relativas às funções exercidas no discurso e no contexto extralinguístico, coberto pela pragmática. Nesse sentido, assume-se o diagrama de Croft (2001), representado a seguir, como norteador das descrições construcionistas a partir de pesquisas linguísticas com base em *corpora*.

Esquema 2: A representação das construções



Fonte: elaboração própria com base em Croft (2001, p.19).

No diagrama apresentado, o quadro maior, em vermelho, captura toda a construção, sendo constituído por duas partes internas, uma da forma e outra da função, com suas propriedades especificadas, e reunidas por uma linha que representa um elo simbólico, um tipo de *link* na rede construcional que corresponde à relação de associação por convenção social entre esses dois polos. Mais especificamente, Pinheiro (2025, p. 48) explica que a construção gramatical é simbólica, porque “o polo da forma contém informações responsáveis por evocar uma ideia, ao passo que o polo do significado contém as próprias ideias evocadas pelos elementos do polo da forma”.

Conforme discute Pinheiro (2025), as construções não constituem unidades isoladas no sistema linguístico, mas integram redes organizadas hierarquicamente. Nessas redes, relações de herança — formais, funcionais ou semânticas — estabelecem diferentes níveis de abstração, articulando microconstruções mais específicas a esquemas mais gerais. A estrutura em rede permite compreender que propriedades recorrentes não precisam ser reaprendidas em cada ocorrência, pois são compartilhadas entre nós construcionais relacionados, ao mesmo tempo em que cada construção mantém traços próprios que justificam sua individualização.

No que se refere à emergência e à frequência de construções linguísticas, a teoria que fundamenta esta análise atribui um papel central aos processos cognitivos de domínio geral que operam nessa dinâmica. Tais processos, embora não exclusivos da linguagem, articulam-se de modo decisivo na formação e no uso das construções. Neste artigo, focalizam-se os processos de analogia e categorização, particularmente pertinentes para a compreensão do comportamento da microconstrução [enquanto(que)]*connect*. A relação funcional entre essa microconstrução e outras que igualmente expressam contraste decorre, em grande parte, do processo cognitivo geral de *analogização*, pelo qual o falante aplica, de modo automatizado, padrões já estabilizados de uma categoria a novos materiais

linguísticos mobilizados na interação. É essa aproximação funcional — sustentada pela recorrência de usos contrastivos e pela semelhança de padrões — que, na atividade linguística, promove a convergência entre as diferentes microconstruções e permite que sejam reconhecidas como pertencentes a um mesmo domínio categorial, fenômeno descrito como categorização. Conforme explica Bybee (2016 [2010], p. 26), a categorização envolve “similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas”.

É nesse enquadramento que se insere o tipo de descrição que propomos para as construções oracionais prefaciadas por [enquanto(que)]*connect* com valor de contraste, cuja caracterização será apresentada e discutida no subitem 1.2

1.2. O DOMÍNIO SEMÂNTICO CONTRASTIVO

A relação contrastiva emerge da conceptualização discursiva de dois elementos como diferentes, desiguais, opostos e/ou conflitantes de alguma forma. A definição encontrada em Mauri (2008) centraliza justamente esse aspecto de conceptualização no discurso como construtor do contraste:

Como Malchukov (2004: 183) salienta, seguindo Mann e Thompson (1988), dois EsCos que se encontram numa relação de contraste (i) têm alguns aspectos em comum (pelo menos o integrador comum), (ii) são diferentes sob alguns aspectos (caso contrário seriam idênticos) e, o mais importante, (iii) são comparados com respeito a essas diferenças (Mauri, 2008, p.121).⁶

Nesse sentido, quando, ao colocar, lado a lado, dois Estados de Coisas (EsCos) que possuem semelhanças e dissemelhanças, o enunciador põe em proeminência os aspectos divergentes entre esses EsCos, a leitura de contraste é construída no enunciado. O chamado “integrador comum” é o elo necessário para que os dois EsCos sejam comparáveis e, dessa comparação, possa emergir o contraste.

Seguindo essa perspectiva, Mauri (2008) também afirma que o contraste é a relação entre dois EsCos percebidos como conflitantes em alguma medida. Neves (1984, p.21), ao buscar descrever o ponto em comum e as especificidades entre os sentidos de *mas* no português, afirma que a “noção básica” do conector se refere a uma desigualdade entre os elementos que articula. Embora, em Neves (1984), também se encontre uma proposta para categorizar as nuances do significado contrastivo, a tipologia mais aceita para esse domínio se centra nos estudos pioneiros de Lakoff (1971) e Ducrot (1977), já aplicados aos estudos com conectores contrastivos em diferentes línguas naturais. Passa-se, então, a uma explanação dessas propostas.

⁶ Trata-se de tradução livre. No original: As Malchukov (2004: 183) points out, following Mann and Thompson (1988), two SoAs standing in a contrast relation (i) have some aspects in common (at least the common integrator), (ii) are different under some respects (otherwise they would be identical) and, most importantly, (iii) they are compared with respect to these differences.

1.2.1. O contraste por oposição semântica

Robin Lakoff (1974), ao descrever os usos de *but*, no Inglês, define o chamado contraste por oposição semântica, ou puramente oposição. Esse subtipo contrastivo ocorre em construções que contêm antônimos semânticos, expressões que funcionam como opostos no contexto em que se inserem. Segundo Haspelmath (2007), ele ocorre entre dois elementos sem expectativas conflitantes, o que quer dizer que eles só se opõem em virtude do contexto discursivo em que são inseridos lado a lado. O *constructo* (02), a seguir, exemplifica tal relação:

(02) Buscando ritmo, Zendeli **perdeu a liderança** na quarta volta, abandonando as posições no pódio, enquanto Hughes rapidamente **recuperou a primeira posição** antes de ser ultrapassado por Schwartzman e Armstrong para ficar em terceiro.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/f1mania/hughes-vence-corrída-de-domingo-na-austria-apos-confusao-na-ultima-volta,c2a3ec45905dcb9017e373c64697d5fa3jh3i3cu.html#googlevignette>. Acesso em: 19. ago. 2024

Nesse contexto, ao descrever a sequência de acontecimentos durante uma corrida de fórmula 1, o enunciador, ao relatar a quarta volta da corrida, opõe os desempenhos de dois pilotos. Nesse sentido, a quarta volta funciona como o integrador comum que permite a comparação: durante um mesmo tempo da corrida, um corredor *perdeu* e o outro *recuperou* a liderança. Parte-se, então, da antonímia entre esses dois itens lexicais para a construção da noção contrastiva.

1.2.2. O contraste contraexpectativo

Também chamado *contraste por quebra expectativa*, esse segundo tipo se difere do primeiro por se dar, não entre duas porções do enunciado, mas entre uma delas e uma inferência feita a partir da outra, conforme explica Mauri (2008). Ou, conforme explicado nas palavras de Longhin (2016a, p.139), essas duas porções “apontam para conclusões distintas, que têm pesos argumentativos também diferentes”. Retomando a definição do subtipo anterior, nota-se a diferença entre essa definição e a definição de Haspelmath (2007) para a oposição semântica, quando o autor menciona que não há “expectativas conflitantes”. Diferentemente, no contraste contraexpectativo, os conteúdos, da forma como são conceptualizados, necessariamente, conduzem a conclusões distintas, como no exemplo apresentado em (03):

(03) Enquanto os sistemas de aposentadoria dão sinais de que estão sobrecarregados, a maioria simplesmente não consegue criar uma reserva para a velhice.

Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevi-dade-modo-de-usar/post/2019/06/30/crise-da-s-aposentadorias-e-global.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2024.

Nesse caso, infere-se, da sobrecarga dos sistemas de aposentadoria, que os indivíduos devem se ocupar de poupar para quando estiverem em idade avançada, mas o

conteúdo subsequente não está de acordo com essa expectativa.

1.2.3. O contraste corretivo

Chamado contraste corretivo por Mauri (2008), refutação por Longhin (2016b) e substituição por Haspelmeth (2007), esse tipo consiste na negação do primeiro EsCo e sua substituição pelo segundo. Assim, como menciona Haspelmeth (2007, p.28), ele ocorre “entre uma expressão negativa e uma expressão positiva, onde a expressão positiva substitui a negativa”⁷. Esse tipo de contraste não foi encontrado no *corpus* deste trabalho, mas destaca-se, a seguir, o exemplo apresentado por Longhin (2016b, p.267): João não é inteligente, mas esperto.

Passa-se, então, à apresentação dos procedimentos metodológicos desta investigação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS

Esse trabalho se constitui de uma investigação de caráter sincrônico, com vistas a ampliar a descrição atual da rede de construções do português brasileiro. Para atingir o objetivo de proceder a uma descrição detalhada do conjunto de propriedades das construções de contraste prefaciadas pela microconstrução [enquanto(que)]*connect* no português em uso no Brasil, respondendo quais são os traços que as caracterizam, a investigação proposta foi realizada a partir de *constructos* do português brasileiro escrito, coletados por meio do *corpus* eletrônico *Corpus do Português – Aba NOW*⁸, composto por notícias encontradas na internet entre 2012 e 2019. Nesse *corpus*, realizou-se a busca pela estrutura * *enquanto*⁹, selecionando-se as vinte e cinco primeiras ocorrências da estrutura ‘, *enquanto*’ (construção conectora no meio do período sintático) e as vinte e cinco primeiras ocorrências da estrutura ‘. *Enquanto*’ (construção conectora iniciando período sintático) veiculando noções de contraste no português brasileiro. Para chegar a esse número de *constructos* contrastivos que constituem o *corpus* da investigação, passou-se pela análise de 245 ocorrências dessas duas estruturas de busca, no total, sendo 96 da microconstrução após pausa marcada por vírgula e 149 após ponto final. As ocorrências que não foram consideradas para esta análise se constituem de casos em que a microconstrução i) introduz construções oracionais de valor exclusivamente temporal; ii) figura na expressão *enquanto isso*; iii) articula sintagmas nominais e não oracionais; e iv) instancia outros valores que não se enquadram na relação contrastiva, a exemplo de casos condicionais. Destaca-se, em (04), a seguir, um *constructo* descartado por constituir o caso descrito em i).

⁷ Trata-se de tradução livre. No original: *between a negative and a positive expression, where the positive expression substitutes for the negative one.*

⁸ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em 06 fev. 2024.

⁹ A busca por essa estrutura, possibilitando a seleção do item que antecede a construção conectora nos dados, foi um passo metodológico necessário devido ao número de ocorrências dessa construção ultrapassar o limite que a plataforma consegue disponibilizar para visualização.

(04) Harriet, contou que foi expulsa de um voo que partiria de Málaga, na Espanha, porque a tripulação julgou a sua blusa “inapropriada para o voo.” A mulher teve que dormir no chão do aeroporto de Málaga, **enquanto** esperava pelo próximo avião que só sairia no dia seguinte.

Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/1234239/mulher-e-expulsa-de-aviao-por-causa-de-blusa-decotada/>. Acesso em: 26 dez. 2025.

No exemplo em (04), a microconstrução conectora traz a ideia, somente, de contingência no tempo: o evento *dormir no chão* ocorre durante o tempo de ocorrência do evento *esperar o próximo voo*. Não há nenhum tipo de conflito ou oposição perceptíveis no contexto, que sejam estabelecidos pela construção prefaciada por [enquanto(que)]*connect*, não caracterizando, portanto, a relação contrastiva sobre a qual se debruça a pesquisa proposta.

Os *constructos* selecionados foram analisados de acordo com os seguintes parâmetros: i) Tipo de contraste veiculado; ii) Correferencialidade do sujeito entre as construções oracionais; iii) Correlação modo-temporal entre as construções oracionais iv) Correlação aspectual entre a hipotática e a nuclear; v) (Im)persistência do traço de concomitância temporal; e viii) Tipologia de sequência textual em que estão inseridos.

A partir dos procedimentos metodológicos delineados, que permitiram a seleção e a organização sistemática do *corpus*, bem como a definição dos parâmetros de análise, passa-se agora à discussão dos resultados obtidos.

3. ANÁLISE DOS *CONSTRUCTOS* LEVANTADOS

Esta seção se dedica à apresentação dos resultados obtidos na análise do *corpus* levantado para essa investigação. Eles se organizam segundo os parâmetros apresentados na seção anterior.

3.1. HÁ PREFERÊNCIA POR UM SUBTIPO DE RELAÇÃO CONTRASTIVA?

Na análise realizada a partir dos *constructos* levantados, a microconstrução [enquanto(que)]*connect* instância, majoritariamente, o contraste por oposição semântica (78%/39 *constructos*), que se ancora em pares antônimos nas duas construções oracionais ligadas no período sintático. Observe-se, no exemplo apresentado em (05), que as expressões *ficaria fora de uso* e *continuará em funcionamento* constituem-se como opostas, nesse contexto.

(05) O melhor é a capacidade de resistir a um pulso eletromagnético causado por uma bomba nuclear. Enquanto a eletrônica de outros veículos **ficaria fora de uso** instantaneamente, o Trumpcóptero **continuará em funcionamento**.

Fonte: *Corpus* da pesquisa.¹⁰

O trecho foi cotejado de uma notícia que trata sobre o novo veículo presidencial, incluindo suas vantagens em comparação com os anteriores. Nesse sentido, aborda-se a resistência a ataques nucleares, mencionando-se que, nesse quesito, o novo veículo ganha por ser capaz de continuar voando sob danos diante dos quais outros helicópteros seriam derrubados. É dessa diferença, destacada pelo enunciador, que emerge a leitura contrastiva.

Em apenas 8% (4 *constructos*) das ocorrências analisadas, a relação se constrói por um contraste contraexpectativo, marcado pela ruptura com uma expectativa construída pelo conteúdo da primeira construção oracional. Isso é o que ocorre em (06), a seguir:

(06) Nós levamos muitos fatores em conta na hora de determinar as melhores rotas para se dirigir, incluindo o tamanho da estrada e a direção da rota. **Enquanto nós sempre trabalhamos para providenciar as melhores direções, problemas podem surgir** por causa de circunstâncias imprevistas como o clima.

Disponível em: <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/9607/rota-alternativa-do-google-maps-leva-100-motoristas-a-atolarem-em-estrada-de-barro>. Acesso em: 06 fev. 2024.

Nesse caso, a menção ao surgimento de problemas se opõe a uma expectativa vinculada à afirmação de que a empresa trabalha para providenciar melhores direções.

Casos de contraste do tipo corretivo não foram observados no *corpus* analisado nesta investigação. No entanto, 14% (7) dos *constructos* revelam um padrão não descrito na literatura utilizada como base. Esse subtipo é aqui tratado como *contraste por escalaridade*, uma vez que se constitui por casos em que a leitura contrastiva se estabelece por pares numéricos escalares nas duas construções oracionais, como pode ser observado em (07):

(07) Tamanha tecnologia tem um preço. Enquanto o serviço de transparência de embrião custa **em torno de R\$ 2 mil**, a ICSI *pode chegar a quase R\$ 12 mil* por cada embrião. O investimento é alto, mas os retornos são proporcionais.

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Ao tratar dos custos do processo de inseminação discutido na notícia, o enunciador estabelece uma comparação com o preço de outro processo. Nessa comparação, é utilizada a expressão *pode chegar a quase* para destacar a superioridade do segundo valor em relação ao primeiro, salientando-se uma desigualdade quantitativa entre os dois procedimentos em relação aos custos financeiros de realização. Nesse tipo de relação contrastiva, esses elementos focalizadores, empregados para marcar a perspectiva do enunciador diante da diferença numérica entre os itens, se mostra um

¹⁰ Alguns dados serão assim referenciados pois foram coletados no *Corpus do Português*, mas suas respectivas notícias não estão mais disponíveis na *web*. Aqueles cujas notícias ainda estiverem disponíveis, serão referenciados pelo *link* original de postagem.

fator importante, observado em 57,14% (8) dos *constructos* analisados. No exemplo a seguir, observa-se como o elemento sublinhado auxilia na emergência da leitura de contraste:

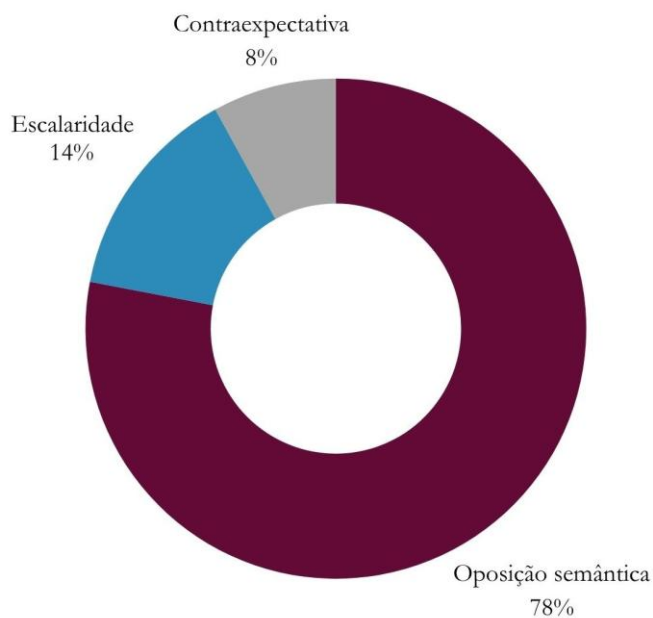
(08) a atividade dos vulcões, descrita nos fenômenos vulcânicos, emite, por ano, **cerca de 645 bilhões de toneladas** de CO₂ em toda a atmosfera, enquanto toda a atividade humana do planeta Terra, **apenas 29 bilhões de toneladas/ano**.

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Neste contexto, o item *apenas* é utilizado para focalizar a diferença de emissão do gás poluente dióxido de carbono na atmosfera terrestre por dois agentes – a atividade vulcânica e a atividade humana –, destacando a inferioridade do segundo valor em relação ao primeiro.

O gráfico 1, a seguir, ilustra os resultados para esse primeiro fator analítico:

Gráfico 1: Tipo de contraste veiculado



Fonte: elaboração própria.

Em termos quantitativos, portanto, a distribuição para esse parâmetro de análise, no universo do *corpus* sob análise, leva à conclusão de que essa microconstrução conectora se especializa, principalmente, na instanciação do contraste por oposição semântica, mas também significativamente do contraste por escalaridade e, com um percentual menor, da quebra de expectativa.

3.2. SUJEITOS: CORREFERENCIAIS OU NÃO?

A não-correferencialidade entre os sujeitos das duas construções oracionais é o

aspecto majoritariamente observado no *corpus* da investigação, constituindo 94% (47) dos *constructos*. Em geral, os itens a serem contrastados são colocados na posição sintática de sujeito. A partir disso, é da comparação entre esses elementos que estão na posição de sujeito que emerge a relação contrastiva, com exceção de alguns casos de contraste contraexpectativo ou em que são os adjuntos adverbiais que são contrastados. Essa tendência pode ser observada, a seguir, em (09):

(09) Hoje, cada um anda com as próprias chuteiras. Além das diferenças no contracheque — Bruno recebe ao menos 100 vezes o salário de Samhia — a rotina no Rio é distinta e o contato, restrito.

— A gente treina no Cefan e eles no Ninho [*são 44,5 km de distância*]. Nunca vi o Ninho. Nunca teve oportunidade. Falo com o Bruno por mensagem e quando vou para casa a gente se vê — conta a mineira. Enquanto Bruno Henrique **tem um filho pequeno, que fica com a mulher**, a atacante **adia o sonho por não conseguir se dividir**.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/esportes/das-chuteiras-divididas-ao-flamengo-bruno-henrique-samhia-ilustram-abismo-entre-generos-no-futebol-23771135>. Acesso em: 24 out. 2025.

Neste caso, a notícia aborda a desigualdade de gênero entre jogadores de futebol no Brasil, comparando as trajetórias e o lugar atual de Bruno e Samhia. Entre as diferenças, o enunciador destaca o fato de ele poder ter um filho sem prejudicar a carreira, ao passo que a atacante mulher, não. Nota-se que é pelas diferenças observadas em relação a esses dois sujeitos que o contraste se constrói.

3.3. COMO A CORRELAÇÃO DE TEMPO, MODO E ASPECTO VERBAIS CONTRIBUI PARA O SENTIDO CONTRASTIVO?

O fator mais relevante ao analisarmos esse parâmetro é que, mesmo que haja variação de tempo, modo e aspecto verbais nos dados, há uma forte tendência de as duas construções oracionais apresentarem os mesmos tempo e modo, o que se observa em 80% (40) dos casos; e 76% (38) dos *constructos* são coincidentes no aspecto verbal. Nesse sentido, os itens são colocados em paralelo, inclusive no tempo, para que sejam comparados e, dessa comparação, emerge o valor de contraste. Isso pode ser observado no *constructo* (10), a seguir:

(10) A taxa geral de cesáreas do Brasil é de 55%, mas a distribuição não é a mesma entre os sistemas públicos e privados. Enquanto a taxa de cesáreas do SUS **é de 40%**, o número dos procedimentos realizados pelos planos de saúde **chega a 84%**.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/26/assembleia-de-sp-adia-para-agosto-votacao-de-projeto-polemico-que-preve-cesarea-sem-indicacao-medica-no-sus.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2025.

Observa-se que os verbos *ser* e *chegar* encontram-se no presente do modo indicativo e constituem descrições estáticas dos percentuais dos procedimentos nas redes pública e privada, apresentando, portanto, aspecto verbal estativo. Esse tipo de correlação modotemporal foi a mais frequente nos dados (46%/23 *constructos*), seguida pelas duas construções oracionais no pretérito perfeito (26%/13 *constructos*). O traço aspectual estativo, ou seja, pontual e sem extensão no tempo, que tende a ocorrer nas duas construções, também é o mais frequentemente observado. Porém, estendendo a análise aos casos em que as construções oracionais ligadas pelo conector são aspectualmente distintas, pelo menos uma tem esse traço aspectual em 86% (43) dos *constructos*.

3.4. HÁ PERSISTÊNCIA DO VALOR TEMPORAL NOS DADOS CONTRASTIVOS?

Uma vez que a polissemia de [enquanto(que)]*connect* resulta de um processo de derivação diacrônica do valor temporal ao valor contrastivo – como demonstram as pesquisas diacrônicas já mencionadas –, coexistem sincronicamente dois tipos de contextos em que o uso inovador está presente. Conforme chamam Mauri; Ramat (2012), trata-se de contextos incompatíveis com o valor fonte, ou seja, nos quais a leitura temporal não está disponível, havendo somente a possibilidade de leitura do *constructo* como contrastivo, e contextos de dupla compatibilidade, ou seja, em que ambos os sentidos estão presentes. Assume-se, aqui, que não se trata de ambiguidade, assim como defendem as autoras, mas de co-ocorrência dos dois sentidos, ou, como é possível afirmar em perspectiva construcionista, de *constructos* que são instanciados pelas duas construções – a de contraste e a de tempo. Dessa forma, esse parâmetro visa ao controle de frequência desses dois tipos de contextos no *corpus*.

O que se observa é que 70% (35) dos *constructos* são incompatíveis com a construção de tempo, mas isso pode ocorrer de diferentes formas. Em (11), os eventos descritos são explicitamente marcados como sequenciais, o que é, evidentemente, incompatível com a leitura de simultaneidade.

(11) **No primeiro tempo**, Love comandou o ataque sozinho, enquanto **na segunda etapa** Gustavo e Boselli atuaram lado a lado. O camisa 9 do Timão admitiu sentir falta de outro atacante ao seu lado - curiosamente, o gol corinthiano saiu na segunda etapa, em jogada entre Gustagol e Boselli.

Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/320615/love-pondera-ma-atuacao-por-desfalques-e-faz-alerta-por-falta-de-algumas-caracteristicas-no-elenco>. Acesso em: 25 out. 2025.

Nesse exemplo, é fácil notar que os dois eventos descritos ocorrem em espaços temporais distintos, o que exclui a leitura temporal de *enquanto*, a qual descreve contiguidade ou concomitância. O que se está comparando, na notícia, são justamente esses diferentes momentos de uma partida de futebol, construindo uma desigualdade que se assenta no par *sozinho* x *lado a lado*.

Em (12), por seu turno, não se trata da narração de fatos sequenciais, mas da descrição de propriedades estáticas dos sujeitos, o que é marcado no aspecto não-progressivo, discutido na subseção 3.5.

(12) O Red Bull Ring, que retornou a o calendário da F1 em 2014 em sua forma atual, possui 4.318 metros de extensão de asfalto liso pelas montanhas da Estíria. Os dois primeiros setores **são** bastante rápidos, enquanto o setor final **é** mais lento e técnico.

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

A notícia descreve uma pista de corrida de Fórmula 1 e, ao falar dos setores do local, estabelece uma oposição pelo par de antônimos *rápidos* e *lento*. Uma vez que se trata de menção às características das seções da pista, trazem uma noção estática, também incompatível com a semântica temporal da microconstrução conectora.

Na análise dos 30% (15) de *constructos* restantes, em que ambas as leituras são possíveis, pela persistência (Hopper, 1991) do traço de simultaneidade temporal, busca-se analisar os fatores que contribuem para colocar a leitura contrastiva em primeiro plano. Para avançar nessa discussão, cabe esclarecer que o princípio da persistência, tal como formulado por Hopper (1991), postula que as mudanças linguísticas, por mais profundas que sejam, podem não apagar completamente os vestígios do uso fonte de uma construção; ao contrário, certos traços formais ou funcionais tendem a manter-se, ainda que suavizados ou reenquadrados em novos arranjos. Assim, quando uma forma passa a assumir outras funções ou a circular em contextos distintos daqueles que motivaram sua emergência, ela pode carregar marcas de sua trajetória anterior, que seguem modulando seu comportamento.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível compreender de maneira mais precisa como o contexto atua na seleção interpretativa. Segundo Mauri; Ramat (2012, p.226), “É frequentemente o contexto que favorece uma leitura em detrimento da outra”. Diessel (2019), por sua vez, também afirma que, quando há mais de uma categoria potencialmente disponível para licenciar uma ocorrência, o falante procede a uma escolha inconsciente determinada, dentre outros fatores, pelo contexto. Em consonância com tais afirmações, no *corpus* da investigação, se há padrões morfossintáticos que contribuem fortemente para a leitura contrastiva e, ainda, pela exclusão da leitura temporal, não é possível verificar, no entanto, o mesmo para determinar qual das duas leituras será mais saliente em contextos em que ambas se encontram. O contexto macrotextual, todavia, sempre parece destacar um desses sentidos. No caso do contraste, observa-se que há notícias que, como um todo, trazem oposições entre dois elementos, fazendo com que, na construção em análise, a leitura contrastiva seja muito mais perceptível para o interlocutor do que a semântica de tempo. O *constructo* destacado em (13), a seguir, exemplifica esse aspecto:

(13) Com dados sendo trackeados pela Ceteris desde agosto de 2017 sobre a movimentação de Ethereum e Bitcoin na Binance percebe-se claramente que há uma disparidade gritante entre a entrada e saída desses pares na plataforma.

O Bitcoin apresentou **US\$10 bilhões de entradas líquidas** frente ao Ethereum.

Enquanto o Ethereum apresentou **US\$3 bilhões em saídas líquidas** frente ao Bitcoin. Assim mais Ethereum está entrando na plataforma que saindo e mais Bitcoin está deixando a plataforma que entrando.

Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/estranha-disparidade-entre-entrada-e-saida-de-ethereum-e-bitcoin-na-binance/>. Acesso em: 25 out. 2025.

O trecho foi coletado de uma notícia, cujo título – que pode ser observado no próprio texto do *link* da fonte – já menciona uma “disparidade” entre os números de entrada e saída das duas criptomoedas na plataforma. Esses números estão sendo comparados em relação ao mesmo período, descrito no corpo da notícia, que vai de 2017 a 2019, razão pela qual é possível dizer que os fatos são concomitantes, o dado não é incompatível com a semântica temporal da microconstrução conectora. Entretanto, esse valor é colocado em segundo plano devido a marcas de contraste ao longo de toda a notícia, incluindo o título e os itens grifados em vermelho no trecho aqui apresentado. Observa-se, ainda, que o que se segue à construção da qual [enquanto(que)]*connect* participa, é um período sintático iniciado por um conector conclusivo, o qual menciona que mais Ethereum entrou na plataforma nesse período e mais Bitcoin saiu. Logo, é possível perceber que a construção com *enquanto* opõe as duas moedas por meio de um contraste por escalaridade com o intuito de levar à conclusão argumentativa de disparidade entre elas.

3.5. ESSAS CONSTRUÇÕES SÃO MAIS FREQUENTES EM QUE TIPO DE SEQUÊNCIA TEXTUAL?

Marchon (2017, p. 21) chama às construções hipotáticas adverbiais “fios da teia argumentativa”, defendendo que, por não serem sintaticamente obrigatórias, mas uma opção do falante que acrescenta informações discursivamente essenciais aos enunciados, se constituem de uma importante estratégia que contribui para a argumentação. Diante disso, porém, de acordo com o sentido que acrescentam ao texto, diferentes tipos de construções hipotáticas podem apresentar valor mais ou menos argumentativo. Já se demonstrou, aqui, que o valor temporal é menos abstrato, relacionado a propriedades mais objetivas de elementos na realidade: dois eventos ocorrem sequencialmente ou simultaneamente no mundo biofísico, e os mecanismos linguísticos visam a refletir essa realidade na narração dos fatos. O contraste, por outro lado, não existe na realidade concreta, mas emerge da própria conceptualização, no – e por meio do – discurso, de dois elementos com destaque para suas propriedades desiguais, o que, em tese, confere a elas um grau de argumentatividade ainda maior. Em vista disso, esse critério de análise foi elencado com o propósito de observar se as construções contrastivas prefaciadas por [enquanto(que)]*connect* se inserem, majoritariamente, em sequências textuais do tipo argumentativo, o que se confirmou, mas com um percentual não tão decisivo de 60% (30) dos *constructos* analisados. Compreendendo o texto como uma entidade heterogênea em relação às tipologias textuais que encerra, Adam (2009) propõe que esse objeto é constituído de sequências textuais, conceitualizadas como:

- uma rede relacional hierárquica: grandeza decomponível em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem.
- uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria e, portanto, em relação de dependência/ independência com o conjunto mais amplo de que ela faz parte. (Adam, 2009, p.122).

Assim, embora o gênero *notícia* seja predominantemente narrativo, os textos desse gênero se compõem de sequências vinculadas às demais tipologias. A tipologia argumentativa é entendida pelo autor como aquela que, seguindo passos argumentativos, parte de algumas premissas para confirmar ou refutar uma tese. Para exemplificar como esse aspecto se verifica no *corpus* analisado, destaca-se, a seguir, o *construto* (14):

(14) Todas as pessoas têm direito a saúde pública gratuita, está na Constituição Federal. Nas cidades, como CWB, a administração do SUS cabe às prefeituras. Ou seja, os prefeitos são os gestores da saúde nos municípios. Equivocadamente, alguns prefeitos têm optado pela terceirização dos serviços de saúde. Atualmente percebo que isto é péssimo. Pois o objetivo de uma empresa privada ou de uma entidade jurídica constituída para possibilitar contratos de empresas com o poder público é **a obtenção de lucro**. Enquanto que o foco da prefeitura deve ser **o bem estar do cidadão**.

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

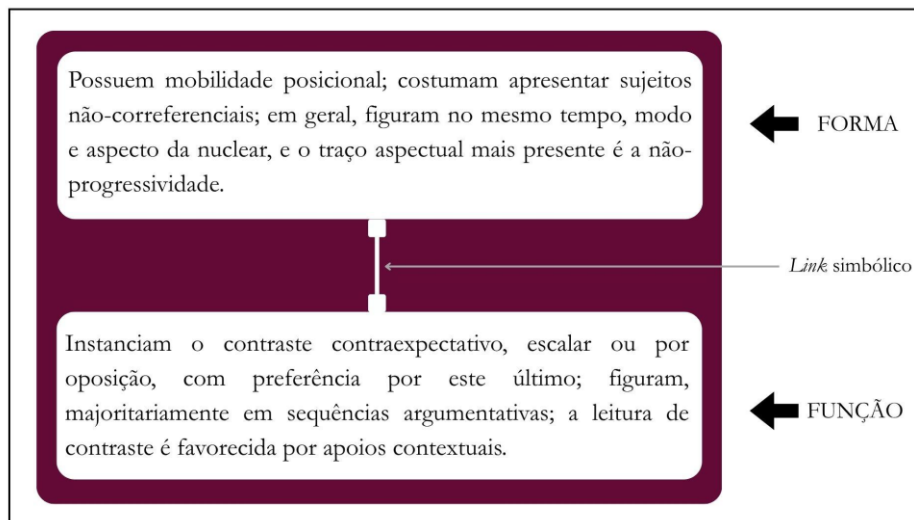
No contexto apresentado, a construção de contraste se insere em um trecho argumentativo que tem por intuito condenar a privatização de serviços públicos, em especial, voltados à saúde da população brasileira. É para corroborar essa tese que o enunciador lança mão de uma comparação que opõe os objetivos do setor privado e os objetivos devidos ao poder público, por meio do par *a obtenção do lucro x o bem estar do cidadão*.

Assim, a análise do *corpus* em relação a esse parâmetro indica que essas construções com valor contrastivo podem constituir uma estratégia na construção da argumentação nos discursos em que se inserem.

3.6. REPRESENTAÇÃO CONSTRUCIONAL

Com base nos resultados obtidos para cada um dos parâmetros elencados, refletindo a ênfase, simultaneamente, à forma e à função dessas construções, seguindo o diagrama proposto por Croft (2001, p. 19), apresentado anteriormente, propõe-se a seguinte representação construcional:

Esquema 4: Representação da construção analisada

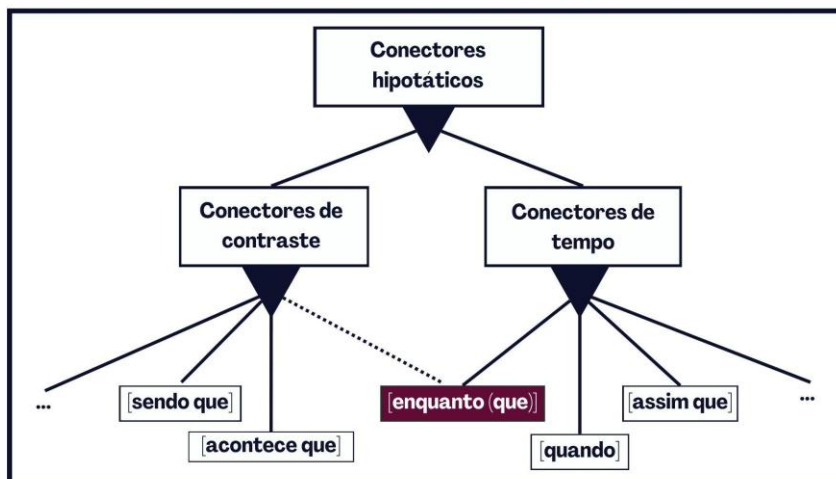


Fonte: elaboração própria baseada em Croft (2001, p.19).

Com base em Traugott (2022), que defende que as propriedades de um mesmo polo podem se sobrepor entre si, mas propriedades de polos distintos não se sobrepõem, optou-se por dividi-las apenas em relação aos dois polos, não subdividindo cada um deles. Observa-se que essa representação reúne as informações demonstradas ao longo do presente artigo. Busca-se considerar, na sistematização, que as propriedades não são categóricas, mas constituem-se de características prototípicas da construção com base nos *constructos* analisados na pesquisa.

Além disso, uma vez que, para a GC, o conhecimento linguístico é melhor descrito por meio da representação em rede, busca-se, no esquema (05), a seguir, demonstrar de que forma a microconstrução se insere na rede de conectores do português brasileiro:

Figura 5: Representação da rede construcional da microconstrução conectora



Fonte: elaboração própria baseada em Traugott; Trousdale (2021, p.39).

A partir desse esquema, verifica-se ilustrada uma parte da rede de conectores hipotáticos, com os subsquemas¹¹ conectores contrastivos e de conectores temporais do português brasileiro atual. Nota-se que [enquanto(que)]*connect* liga-se à construção esquemática de conectores de tempo, por uma linha contínua que representa a força maior dessa ligação, mas também estabelece uma relação mais fraca, representada pela linha pontilhada, com o subsquema de conectores de contraste. Nesse sentido, importantes mecanismos cognitivos atuam no processo de mudança que, diacronicamente, leva a esse cenário na atual sincronia. Conforme Bybee (2016), os processos que atuam sobre a língua produzindo variação e mudança não se referem a competências exclusivamente linguísticas, mas a processos cognitivos de domínio geral, que são acionados em diversos tipos de atividades extralinguísticas. Dentre os mecanismos descritos pela autora, observam-se, no fenômeno aqui investigado, principalmente, a analogia e a categorização.

A analogia é o processo pelo qual novas construções surgem com base em esquemas pré-existentes. Assim, as construções contrastivas com essa microconstrução de origem temporal são possíveis porque o esquema de conexão hipotática contrastiva já estava disponível na língua para a instanciação dos novos usos. Além disso, essa relação analógica atua na recategorização do item. A categorização se refere ao mecanismo pelo qual construções são agrupadas na mente com base em suas propriedades semelhantes. Assim, o falante possui representado mentalmente o subsquema temporal aqui ilustrado, constituindo uma categoria de conectores que pode acionar no uso da língua para produzir enunciados linguísticos. No entanto, uma vez que a rede é emergente para a GCBU, quando os novos usos com valor de contraste surgem por analogia a outras microconstruções contrastivas, isso faz com que a microconstrução [enquanto(que)]*connect* seja recategorizada, podendo ser acionada como membro tanto de uma como da outra

¹¹ Subsquema corresponde ao nível intermediário da rede, caracterizado por uma especificação, tornando-o menos esquemático que o esquema.

categoria.

4. COMENTÁRIOS FINAIS

Os resultados desta investigação mostram que [enquanto(que)]*connect* se consolidou, na sincronia atual do português brasileiro, como uma microconstrução produtiva na expressão de contraste. Entre os usos observados no *corpus*, predominam aqueles ancorados na oposição semântica, seguidos pelos padrões de escalaridade e pela quebra de expectativa, o que revela um conjunto relativamente estável de funções contrastivas. Embora o valor temporal continue a integrar o perfil funcional da construção — uma vez que constitui o sentido fonte de [enquanto] na história do português —, em construções contrastivas essa nuance se torna secundária, funcionando apenas como traço residual que pode ser percebido em alguns contextos

A representação proposta ao longo do artigo evidencia que essa microconstrução ocupa um ponto estratégico na rede de construções do português, mantendo vínculo forte com o subesquema temporal, ao mesmo tempo em que estabelece conexões emergentes com o domínio contrastivo. Tal posição intermediária ilustra, de modo claro, como a rede construcional acomoda trajetórias de mudança e permite a coexistência de usos inovadores e remanescentes, reforçando a importância dos mecanismos de analogia e categorização para explicar sua recategorização parcial.

Por fim, dada a natureza polissêmica de [enquanto(que)]*connect*, é relevante que investigações futuras ampliem o escopo para outros domínios semânticos que podem ser acionados pela mesma microconstrução, como o valor condicional, cuja presença já se esboça em ocorrências esparsas identificadas no *corpus* da pesquisa iniciada em 2025, constituído por dados da modalidade falada da língua.. Tal aprofundamento tende a evidenciar, de forma mais refinada, os mecanismos que orientam a expansão funcional da microconstrução e sua integração progressiva a distintos subesquemas na integração progressiva do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. Quadro teórico de uma tipologia seqüencial. *In*: BEZERRA, B. G.; BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M.M. **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009, p.133-158.

AMORIM, F. S. **Gramaticalização em sincronia**: o caso do conector por causa que. *Cadernos de Letras da UFF*
- Dossiê: Dossiê: Língua em uso n° 47, 2013, p.45-65.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. New York: Oxford University Press,

2001.

DECAT, M. B. N. O tratamento das estruturas desgarradas em Português: uma trajetória de pesquisa na língua em uso. In: DECAT, M. B. N. *et. al.* **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação: abordagens funcionalistas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2021. p. 15-44

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

GOLDBERG, A. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, n. 5, p. 219–224, 2003.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HASPELMETH, M. 2007. Coordination. In Timothy Shopen (ed.), **Language typology and syntactic description, vol. II: Complex constructions**, 2nd edn., 1–51. Cambridge: Cambridge University Press.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. **Ten lectures on diachronic construction grammar**. Leiden: Brill, 2021.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUDSON, R. A. **Language networks: the new word grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinations based on European languages**. New York: Oxford University Press, 1997.

LAKOFF, R. If's And's and But's about conjunction. In: Fillmore Charles, Langendoen Terence (eds) **Studies in linguistic semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 114-149.

LONGHIN, S. R. **Regularidades em mudança semântica: um estudo de caso no domínio da junção**. Labor Histórico, Rio de Janeiro, v. 2, p. 130-148, jul./dez. 2016a

LONGHIN, S. R. **Emergência de juntores contrastivos na história do português: contextos, polissemia e subjetivização.** *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 263- 299, ago./dez. 2016b.

LONGHIN, S. R.; FERRARI, L. Mudança no sistema de contraste do português: entre codificação e inferênciação. **Revista da ABRALIN**, [S. L.], v. 19, n. 1, p. 1–24, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1399. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1399>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MARCHON, A. H. **As teias da argumentação: um estudo de interface sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial.** 2017. 168 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARCHON, A. H. Opiniões em confronto: o emprego das cláusulas de finalidade como estratégia argumentativa. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 333-353, 2020

MAURI, C. 2008. **Coordination relations in the languages of Europe.** Berlin & New York: Mouton de Gruyter.

MAURI, C, RAMAT, AG. **The development of adversative connectives: stages and factors at play.** *Linguistics*, 2012;2,191-239.

NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal mas - invariância e variantes. **Alfa**, v. 28, 1984, p. 21-42.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação.** Niterói: EdUFF, 2022.

PINHEIRO, D. **Curso básico de Gramática de Construções.** São Paulo: Contexto, 2025.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v.60, n.2, p.233-259, 2016.

SILVA, A. S. **O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição.** Coimbra: Almedina, 2006.

TEIXEIRA, G. R. **Cláusulas hipotáticas contrastivas introduzidas no discurso pelo conector enquanto(que)**. Relatório final de Iniciação Científica. Vitória, UFES, 2024.

TRAUGOTT, E. C. **Ten Lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers**. Leiden, The Netherlands, Boston: Brill, 2022.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Recebido em: 21/11/2025

Aprovado em: 23/12/2025

Publicado em: 08/01/2026